

RESENHA

SOUSA, RICARDO ALEXANDRE SANTOS DE. **AGASSIZ E GOBINEAU: AS CIÊNCIAS CONTRA O BRASIL MESTIÇO**. VITÓRIA DA CONQUISTA: EDIÇÕES UESB, 2023.

*Por Raick de Jesus Souza**

Durante a segunda metade do Oitocentos, uma série de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais impactaram na organização da sociedade brasileira, sobretudo com a mudança nos rumos do governo da “jovem” nação, o fim do regime de escravidão e o aumento expressivo de imigrantes destinados à modernização do sistema produtivo. Neste sentido, tornou-se relevante à intelectualidade brasileira, em especial a partir dos anos de 1870, questionarem quais os eventos e quais as correntes filosófico-ideológicas que fundamentavam tais transformações. Quais eram as bases intelectuais do racismo científico que circulava entre os “homens de letras” brasileiros de fins do Oitocentos? Quais foram as obras, os autores e as ideias raciais que influenciavam a formação acadêmica nas instituições locais, que mobilizavam a emergente “opinião pública” e a criação das políticas públicas nacionais? A partir de questionamentos como estes, Ricardo Alexandre Santos de Sousa (2023) desenvolveu pesquisa sobre as trajetórias de vida e formação acadêmica de dois dos mais proeminentes intelectuais europeus oitocentistas engajados com o racionalismo científico do século XIX, cujas obras traziam prognósticos alarmantes sobre os rumos do Brasil em virtude dos supostos males decorrentes da mestiçagem étnica.

Ricardo Alexandre Santos de Sousa é graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005); possui títulos de Mestre (2008) e Doutor (2012), ambos em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). Desde os últimos anos da formação em História, o pesquisador se interessou pelo estudo do Oitocentos brasileiro e do racionalismo científico. Dessa escolha resultou o seu trabalho de conclusão de curso de graduação, *O Conde de Gobineau e as teorias raciais: entre o Antigo Regime e a modernidade*, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Manoel Luiz Salgado Guimarães. No mestrado, sob orientação da Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury, apresentou a dissertação *Agassiz e*

* Professor voluntário do Programa de Extensão Territorial do Departamento de Biotecnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Doutorando pelo Programa em Memória: linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS-UESB). E-mail: raick.souza.ba@gmail.com.

Gobineau: as ciências contra o Brasil mestiço, estudo adaptado e publicado em livro, em 2023, pelas Edições UESB, texto que se constitui em objeto da presente revisão.

Sousa tem por foco as trajetórias de vida e de formação intelectual de dois dos mais proeminentes estudiosos europeus do racionalismo: Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1867) e Conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882). Por meio do seu texto, é possível acompanhar alguns eventos pessoais que interferiram nas decisões, nos discursos e nas ações dos personagens; ademais, encontra-se, também, em seu texto, um rico apanhado sobre as atuações profissionais e os vínculos de sociabilidade profissional e intelectuais de ambos os cientistas.

Já na abertura da obra, Sousa (2023, p. 13) afirma que seu projeto inicial era analisar a “penetração de teorias raciais na segunda metade do século XIX junto à intelectualidade brasileira”. Contudo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, novos questionamentos surgiram, e o resultado final se configura como um estudo sobre a vida e a obra de Agassiz e Gobineau. Algo relevante apontado por Sousa (2023, p. 13) era que ambos os cientistas condenavam a mestiçagem étnica e defendiam que o resultado natural da miscigenação seria a decadência moral, social e econômica; ou seja, os dois autores “se investiu[ram] de autoridade para prever um futuro tão pouco alvissareiro para os brasileiros e seu país”.

Tanto Agassiz quanto Gobineau confluíam na condição de criacionistas, defensores da fixidez das espécies e anti-darwinistas. Mas há, também, pontos de discordância. Agassiz, embora criacionista, acreditava no poligenismo. No que se refere aos seres humanos, defendia que estes foram criados para viver em climas específicos, nas chamadas zonas/províncias zoológicas, segundo ideia inicialmente formulada por Alexandre von Humboldt. Para Agassiz, o cruzamento das diferentes “raças” resultaria em proles antinaturais, híbridas, fisicamente pouco resistentes, sem ânimo vigoroso, moralmente viciadas, esteticamente feias e degeneradas. Gobineau, por sua vez, era partidário do monogenismo. Acreditava que os seres humanos originais pertenciam à suposta raça adâmica – uma raça mais plástica e adaptável ao meio. Esta seria a base das “raças” primárias: arianos, negros e orientais. Para Gobineau, o cruzamento de indivíduos de “raças” primárias, produziria descendentes que não teriam a mesma força física e moral de seus progenitores. Sem as condições adequadas para se adaptarem aos meios, seriam vencidos em um espiral sem fim, que resultaria na criação de raças terciárias, quaternárias, e assim sucessivamente, que ele entendia como raças degeneradas.

Sousa (2023) se dedicou a elucidar as redes de relações socioprofissionais, os vínculos empregatícios, carreira no funcionalismo público, além de funções, cargos, pesquisas e trabalhos desenvolvidos por Agassiz e Gobineau. Com esse objetivo, tomou por base não apenas as referências às correntes e instituições às quais os personagens estiveram vinculados. Os dados levantados possibilitaram compor os perfis de ambos os cientistas, que viabilizam a compreensão sobre os espaços, grupos e redes em que estavam inseridos.

Agassiz, suíço radicado estadunidense, formou-se inicialmente em Medicina, mas jamais abandonou o sonho de estudar História Natural, especialmente, após ter cursado Botânica sob

orientação de von Martius, ter recebido a coleção de von Spix após sua morte, ter sido convidado por Cuvier a compartilhar de seu gabinete de pesquisa e, inclusive, ter recebido os seus apontamentos, após sua morte: Essas anotações, segundo Sousa, eram “um verdadeiro tesouro com as quais o jovem pôde enriquecer o seu trabalho”. Agassis foi, ainda, indicado por von Humboldt para uma viagem aos Estados Unidos, o que possibilitou a sua vinda ao Brasil, para dar continuidade, em viagem pelos rios amazônicos, aos seus estudos em ictiologia, dentre outros (SOUSA, 2023, p. 40). Agassiz chegou ao Brasil em 1865, tendo participado da expedição Thayer, na qual coletou enorme variedade de espécies vegetais e animais, minerais e obras artísticas. Naquele mesmo ano, retornou para o Estados Unidos, onde reuniu os resultados em diversas obras científicas.

Gobineau chegou ao Brasil em 1869, permanecendo até os primeiros meses do ano seguinte. Sua vinda ao Brasil lhe proporcionou conhecer pessoalmente Dom Pedro II, de quem tornou-se amigo pessoal e com quem manteve correspondência ativa por doze anos após o seu retorno à Europa. Diferente de Agassiz, Gobineau não era um cientista, tão pouco era conhecido nos círculos intelectuais como sendo um naturalista. Profissionalmente, atuou como diplomata, era artista plástico e ensaísta. Sua obra de maior expressividade foi *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853), na qual defendia que a mestiçagem étnica era a causa primordial do declínio de todas as civilizações.

A partir da orientação teórico-metodológico de Koselleck (1999), o estudo de Sousa (2023) contribui, substancialmente, para a historiografia brasileira, sobretudo ao demonstrar que dois dos arautos do pensamento racista oitocentista levantaram-se contra a filosofia Iluminista, particularmente por rejeitarem o princípio da igualdade humana: “a concepção universalista do Iluminismo, que percebe a humanidade como essencialmente única, é especialmente contradita pela produção intelectual dos dois homens” (SOUSA, 2023, p. 49).

Sousa (2023) problematizou, também, a suposta influência dos escritos de Gobineau entre os intelectuais brasileiros do século XIX, uma vez que a obra do literato só recebeu notoriedade após sua morte, quando seus escritos foram apresentados ao maestro e ensaísta alemão Richard Wagner (1816-1888) – o que ocasionou a sua projeção no seio da intelectualidade alemã e, posteriormente, mundial.

Data de Submissão: 15/02/2024
Data de aprovação: 10/04/2024

Copyright (c) 2024 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)